



Aponte a câmera do seu celular para o QR Code e assista a uma reportagem sobre o incidente no aeroporto de Heathrow

Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172



EUROPA

Caos aéreo em Londres

Incêndio em subestação elétrica provoca queda de energia, paralisa o Aeroporto Internacional de Heathrow durante várias horas e afeta pelo menos 1,2 mil voos. Polícia antiterrorismo investiga incidente, mas minimiza suspeita sobre atentado

Mais de 1,1 mil voos afetados e 120 desviados. Passageiros presos por horas nos terminais do Aeroporto Internacional de Heathrow. Milhares de outros impedidos de embarcar em voos com conexão na capital britânica. Para não perder compromissos e reuniões de negócios, viajantes desesperados buscavam encontrar alternativas para chegarem ao seu destino a tempo. Um enorme incêndio na subestação de energia de Hayes, na periferia oeste de Londres, paralisou durante boa parte do dia o funcionamento de Heathrow, o aeroporto mais movimentado da Europa e o quarto do planeta (veja arte). Todos os dias, cerca de 230 mil passageiros embarcaram e desembarcaram nele — por ano, são 83 milhões. O blecaute provocou perturbações no tráfego aéreo mundial. Heathrow tem conexões com 80 países e opera 1,3 mil decolagens e pousos diariamente. Apenas no início da noite de ontem a situação começou a se normalizar, com a decolagem de um voo da companhia British Airways para Riad, na Arábia Saudita. A polícia antiterrorismo assumiu as investigações para determinar as causas do incidente, mas as autoridades não acreditam em ato criminoso ou atentado. O incêndio começou às 23h23



Aviões parados diante de um dos terminais de Heathrow: incidente causou transtornos a milhares de passageiros

de quinta-feira (2h23 de ontem em Brasília) e afetou "um transformador que continha 25 mil litros de óleo refrigerante", o que causou "um grande perigo, devido à presença de equipamentos de alta tensão", disse Jonathan Smith, porta-voz dos bombeiros. Thomas Woldbye, CEO de Heathrow, pediu desculpas aos passageiros afetados, classificou o blecaute como algo "sem precedentes" e afirmou que a queda de energia atingiu uma estrutura equivalente a "uma cidade de médio porte". Um porta-voz do aeroporto previu uma "retomada

completa" do voo para hoje. Os primeiros aviões farão "a repatriação de passageiros desviados para outros aeroportos da Europa", acrescentou.

Desespero

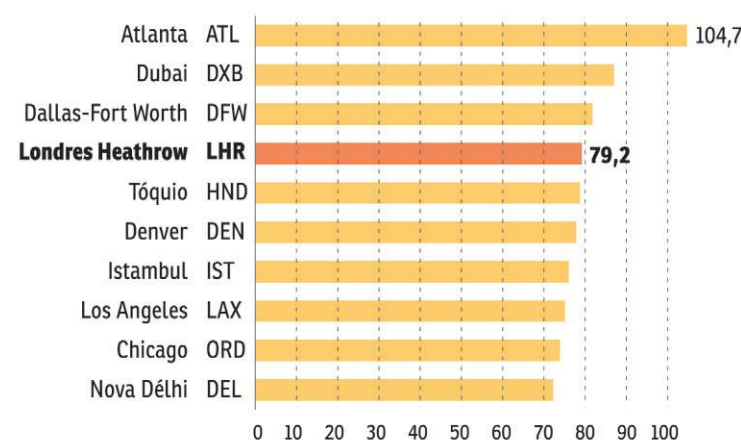
No aeroporto de Gatwick, ao sul de Londres, a voz de Talia Fokaides, de 42 anos, tremia de emoção ao explicar que teria que sair de Londres com destino a Atenas pela manhã, para ficar com a mãe, que seria submetida a uma cirurgia cardíaca aberta. Quando descobriu que Heathrow

estava fechado, correu para Gatwick, o segundo aeroporto mais movimentado do Reino Unido, e encontrou um voo com destino a Atenas, para meio-dia no horário local (9h em Brasília). "Não me importo com o dinheiro, só preciso pegar um voo e estar em casa no fim do dia", desabafou Fokaides à agência de notícias France-Presse. "Não nos deram nenhuma informação, nos deixaram sozinhos. Não entendo como isso é possível."

Mohammed al-Laib, cidadão tunisiano que trabalha em Londres, tinha planejado viajar

Aeroportos mais frequentados do planeta

Por número de passageiros* em 2023, em milhões



*Inclui tanto o embarque quanto a chegada de passageiros de voos internacionais e domésticos; os passageiros com conexões são contados apenas uma vez

Fonte: Conselho Internacional de Aeroportos



ORIENTE MÉDIO

Ministro de Israel ameaça anexar partes de Gaza

O ministro da Defesa israelense, Israel Katz, ameaçou anexar partes da Faixa de Gaza se o movimento islamista Hamas não libertar o restante dos reféns israelenses mantidos em cativeiro no território palestino, devastado pela guerra. A ameaça ocorre três dias depois de Israel retomar os bombardeios maciços contra Gaza, rompendo com a relativa calma que reinava no território palestino desde a trégua de 19 de janeiro. "Ordenei ao exército que tome mais territórios em Gaza (...) Quanto mais o Hamas se negar a libertar os reféns, mais território vai perder, que será anexado

por Israel", advertiu Katz, por meio de um comunicado. O ministro israelense também ameaçou "ampliar zonas-tampão ao redor de Gaza para proteger as áreas de população civil" mediante uma "ocupação israelense permanente" destas áreas.

Israel Katz prometeu intensificar a ofensiva israelense, usando "meios de pressão" tanto civis quanto militares para derrotar o Hamas. "Intensificaremos a luta com bombardeios aéreos, navais e terrestres, assim como ampliando a operação terrestre até que os reféns sejam libertados e o Hamas, derrotado", prometeu. Ele

não descartou remover a população de Gaza para o sul e implementar o plano de deslocamento voluntário do presidente americano, Donald Trump.

O chefe da Casa Branca propôs, no começo de fevereiro, deslocar os 2,4 milhões de habitantes de Gaza para a Jordânia e o Egito, e transformar este território em ruínas em um destino turístico de luxo, como "uma Riviera do Oriente Médio". Quando perguntado se Trump estava tentando restabelecer um cessar-fogo em Gaza, a porta-voz da Casa Branca, Karoline Leavitt, disse na quinta-feira à imprensa que o presidente "apoia

completamente" a retomada das operações militares de Israel.

Professor de relações internacionais da Universidade de Nova York, Alon Ben-Meir disse ao **Correio** crer que as palavras de Katz não passam de "ameaça vazia". "Israel violou os termos do cessar-fogo e recusou-se a negociar com o Hamas na segunda etapa da trégua. O premiê Benjamin Netanyahu simplesmente não quer o fim da guerra", afirmou. "Sugerir que Israel levará adiante o plano para tomar Gaza e convertê-la em uma Riviera é ultrajante. Isso não ocorrerá, e poderia dinamitar a paz entre Israel e Jordânia", advertiu.

Bashar Taleb/AFP



Palestinos usam carroça puxada por burro para fugirem de Beit Lahia, no norte da Faixa de Gaza

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

"Filho 03" fica de embaixador sombra

Parece sintomático que, quase à última hora, Eduardo Bolsonaro (PL-SP) tenha desistido de comandar a Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional (Creden) da Câmara. Em nome de escapar a "perseguições", pelas quais acusa o ministro do Supremo Alexandre de Moraes, o "filho 03" de Jair Bolsonaro anunciou a decisão de se radicar no EUA, por tempo indeterminado, e licenciar-se do mandato de deputado.

Não significa que Eduardo tenha desistido de exercer a influência que a presidência da Creden lhe garantiria no combate à política externa do governo Lula. Ao contrário: tudo indica que o projeto é preservar os direitos políticos, ameaçados

pelo andamento dos processos relacionados à tentativa de golpe de Estado, antes de tudo. E, como desdobramento, ocupar um lugar privilegiado, ainda que 100% informal, nas relações entre o pai — e seu entorno político — e o governo de Donald Trump.

Cotado brevemente para chefiar a representação do Brasil em Washington, durante o mandato do pai, o "03" parece agora se projetar na posição de uma espécie de "embaixador sombra". No espírito do costume britânico segundo o qual o partido da oposição compõe uma espécie de governo paralelo, chamado de "gabinete sombra", para fiscalizar e se contrapor à administração oficial.

À flor da pele

Não são desconhecidas, nem vêm de ontem ou anteontem, as relações políticas entre o clã Bolsonaro e o trumpismo. Assim que eleito, em 2018, e empossado, na entrada de 2019, o hoje ex-presidente fez questão de proclamar aos quatro ventos a determinação de recolocar a diplomacia brasileira na posição de aliada incondicional da Casa Branca e do Departamento de Estado.

No plano oficial e estatal, o romance esfriou desde a posse de Joe Biden, tanto mais pela relutância explícita de Bolsonaro (pai) a reconhecer a vitória eleitoral do democrata e a derrota do amigo e aliado. Para os próximos anos, com o magnata

dos hotéis e cassinos de volta ao poder, agora acompanhado de perto por Elon Musk e outros bilionários das big techs, Washington se perfila como uma espécie de porto seguro, ou mesmo santuário político, para a empreitada de retornar ao Planalto em 2026.

As afinidades, em todos os planos, saltam à flor da pele. Caberá a Eduardo Bolsonaro personificar as relações diretas, práticas e mesmo operacionais.

Rei posto

Com a desistência do "filho 03", o PL fez valer a primazia de escolher o comando de comissões permanentes, indicando para a presidência da Creden o deputado Filipe Barros,

do Paraná. Visivelmente menos cacifado que Eduardo Bolsonaro, ele celebrou a eleição tranquila (24 votos favoráveis e quatro em branco) com um discurso no qual ratificou os compromissos com a agenda bolsorista para a área.

Mencionou "ameaças à democracia e às liberdades", em menção velada a Alexandre de Moraes e ao Supremo, e elogiou o "ato heroico" do "03". Aproveitou para criticar o "globalismo" e as "interferências externas" sobre a "nossa soberania" por parte de organismos multilaterais.

Geladeira

Em meio às repercussões do rompimento da frágil trégua de dois meses entre Israel e o movimento palestino Hamas na Faixa de Gaza,

o governo brasileiro mantém em banho-maria a normalização de relações com Tel Aviv. Indicado em janeiro pelo premiê Benjamin Netanyahu para chefiar a representação em Brasília, o embaixador Gali Dagan ainda não recebeu o agrément — nem tem algum horizonte à vista.

A aceitação do nome do indicado para uma embaixada não tem prazo fixo. Pode ficar meses na geladeira, sem perder a validade.

Dagan chefiava a missão em Bogotá até o rompimento de relações entre Israel e Colômbia, na esteira dos protestos do presidente Gustavo Petro contra a ofensiva militar israelense, em resposta aos ataques cometidos pelo Hamas em outubro de 2023, com saldo de mais de 1.300 mortos entre os israelenses e 40 mil entre os palestinos.